

AUTORIA EM MATTOSO CÂMARA: DISCURSOS-SOBRE OUTROS DISCURSOS-SOBRE A LÍNGUA NACIONAL

Tatiana Freire de MOURA¹

RESUMO: Entendendo que, com a instauração da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, em 1958, o gramático perde seu lugar de autor do saber lingüístico e esse saber passa a ser assegurado pelo lingüista (ORLANDI, 2002), objetivamos analisar a constituição da posição-sujeito lingüista e a autoria de Mattoso Câmara frente ao saber lingüístico e, assim, depreender determinadas idéias lingüísticas em circulação no fim dos anos 50. Estabelecemos como *corpus* de análise as resenhas que Mattoso escreveu para a revista feminina *A Cigarra Magazine*, no período de 1957 a 1960, nas quais divulgou e comentou treze obras editadas ou reeditadas nesse período, relacionadas a estudos da língua. Mais especificamente, nesse artigo, estabelecemos para análise as quatro resenhas referentes às obras sobre a língua portuguesa no Ensino Secundário Brasileiro. Para análise, inscrevemo-nos no campo teórico-metodológico da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1969; ORLANDI, 1999), que nos permitiu compreender a historicidade constitutiva dos efeitos de sentidos sobre a língua nacional produzidos a partir do que era formulado por Mattoso Câmara nas resenhas. Observamos que Mattoso estava em uma posição de autoria em que necessariamente produzia dizeres-sobre, ou seja, a posição comentarista/divulgador, a posição autor de resenhas; e produzia, nesse caso, dizeres-sobre outros dizeres-sobre a língua (BALDINI, 2002), sobredeterminando e ressignificando os estudos lingüísticos comentados, bem como (re)distribuindo os saberes que competiam aos gramáticos, filólogos e lingüistas.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Idéias Lingüísticas; Mattoso Câmara; Posição-sujeito lingüista; Língua Nacional.

Introdução

Entendemos que a língua se constitui ao mesmo tempo em que se constitui um saber sobre ela (ORLANDI, 2002). Os sujeitos participam dessa constituição em suas práticas discursivas, portanto, práticas político-sociais que integram o languageiro e a historicidade, que integram, assim, os sentidos produzidos pelos dizeres dos sujeitos e a inscrição do histórico na linguagem. E isso ocorre na História.

¹ Mestre pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da FME-Niterói (RJ). E-mail: tattyfreire@hotmail.com

Deste modo, não pensamos em um estudo que se refira à língua sem considerar a participação de sujeitos; sem considerar também que esses sujeitos, constituídos na / pela linguagem, estão inseridos em dada formação ideológica e que são determinados por uma historicidade. História, sujeitos, língua *em relação* constituem os sentidos. Pensando nessa relação, estamos nos colocando no campo teórico da Análise do Discurso (AD), de Michel Pêcheux (1969). A AD considera que a linguagem e os processos histórico-sociais, reciprocamente, constituem os sentidos, e estes, os discursos.

Portanto, tomamos as resenhas que Mattoso Câmara produziu para a revista *A Cigarra* como ponto de partida de investigação de determinadas idéias lingüísticas em circulação no fim dos anos 50 (século XX). Entende-se por idéias lingüísticas “saberes que se articulam sobre a(s) língua(s)” (AUROUX, 1989, p. 15). Buscamos nas resenhas marcas lingüísticas que caracterizam a relação do sujeito com o histórico-social e que indicam o que há de materialmente histórico determinando a produção de sentidos sobre a língua nacional.

Das posições-sujeito e da função-autor

Em seus textos, o sujeito se marca em diferentes posições (lugares discursivos). E isso ocorre porque, como já dissemos, o sujeito é constituído lingüística, histórica e socialmente. Ao enunciar, ele ocupa diferentes posições em uma formação sócio-histórica dada, posições constituídas por determinadas formações discursivas e ideológicas. As marcas de posições-sujeito mostram como a heterogeneidade é constitutiva do sujeito e do dizer. Por posição-sujeito entende-se, conforme Pêcheux

(1997 [1975]), a relação de identificação entre o sujeito e a forma sujeito de determinada formação discursiva.

Conforme Orlandi (2004, p. 15), o autor é “uma posição na filiação de sentidos, nas relações de sentidos que vão se constituindo historicamente e que vão formando redes que constituem a possibilidade de interpretação”; e a autora, retomando Pêcheux (1983), lembra ainda que “filiar-se é também produzir deslocamentos nessas redes”.

O autor de resenhas, que produz um dizer-sobre outro dizer-sobre, para escrevê-las, insere-se antecipadamente na posição-comentarista. Ou seja, para fazer sentido, ele participa de um imaginário do que é ser um autor de resenhas e sabe que é preciso opinar, criticar (concordando ou discordando), recomendar a um público, silenciar certos sentidos e fazer falarem outros, enfim, comentar a obra de modo que se divulgue o que ela apresenta ou representa. Em um segundo momento, a partir do conhecimento da obra a ser resenhada, para constituir a resenha (como comentários) fala de outras posições. Portanto, a posição-autor de resenhas, posição-comentarista, é constituída por uma dispersão de posições.

Essa dispersão de posições está para o sujeito desde sempre, porque ele se constitui e constitui seus dizeres na relação com o Outro e com o outro. Em se tratando do autor,

relativamente à injunção à interpretação fica determinado: a) de um lado, pelo fato de que não pode dizer coisas que não têm sentido (a sua relação com o Outro, a memória do dizer) e b) deve dizer coisas que tenham um sentido para um interlocutor determinado (o outro, seja ele efetivo ou virtual). (ORLANDI, 2004, p. 75)

Nos textos algumas posições se materializam, de acordo com as condições de produção. Observamos esse funcionamento nas resenhas de Mattoso Câmara para depreender como se constitui a posição-lingüista em meio a outras que devem ser

retomadas para essa também fazer sentido, pois, como foi dito acima, não se pode dizer qualquer coisa se se quer fazer sentido e muito menos dizer qualquer coisa para um determinado interlocutor.

A revista *A Cigarra* e as resenhas de Mattoso: dos discursos-sobre outros discursos-sobre a língua

No momento de institucionalização da Lingüística no Brasil, Mattoso Câmara instaura um movimento de divulgação dos pensamentos lingüístico-científicos tanto dentro da comunidade acadêmica quanto fora desse espaço de saber institucionalizado, em diferentes periódicos. Interessamo-nos pela divulgação e circulação das idéias lingüísticas de Mattoso Câmara não restritas ao meio acadêmico.

Dentre os textos que Mattoso Câmara produziu fora do meio acadêmico, chamou nossa atenção as resenhas que publicou n'*A Cigarra Magazine*. Esta era uma revista feminina de grande alcance social na época, o que nos permite dizer que, através das resenhas de Mattoso Câmara, dava-se maior visibilidade social a determinadas idéias lingüísticas em circulação no período do governo Juscelino Kubitschek.

A Cigarra era uma revista ilustrada que mantinha relação com um ideal de identidade da mulher brasileira, da qual fazia parte a preocupação com a educação escolar, mas não só das mulheres, e sim dos cidadãos brasileiros em geral. Tal preocupação se apresentava em reportagens sobre as estudantes do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, por exemplo, bem como na abertura de um espaço para a seção de crítica de livros. Portanto, a questão do ensino e da leitura era relevante nesse momento.

A seção “Livros”, onde se encontravam as resenhas de Mattoso, era composta, a cada número da revista, por quatro ou cinco resenhas sobre livros não-literários e literários, editados ou reeditados. As resenhas de Mattoso eram relacionadas a livros sobre diferentes tipos de estudos de linguagem. Eram resenhas sobre: *Teatro de Martins Pena, Iniciação à Filologia Portuguesa, A Análise Matemática do Estilo, Dificuldades da Língua Portuguesa, O Ensino do Latim, Didática Especial de Português, Pontos de Gramática Histórica, Dicionário de Sinônimos, Exercícios de Português, 100 Textos Errados e Corrigidos, Pequena Gramática para Explicação da Nova Nomenclatura Gramatical, Vakomomo Oti, 1, Cartilha Terena e Gramática do Latim Vulgar.*

Treze instrumentos lingüísticos. Auroux (1992, p. 69) chama de instrumentos lingüísticos as gramáticas e os dicionários. Por extensão, dizemos todos esses livros serem instrumentos lingüísticos, mesmo aqueles que não se constituem conforme uma gramática ou um dicionário, considerando que são todos estudos que visam, de algum modo, significarem, instrumentarem e administrarem o funcionamento da língua nacional.

E, ao contrário do que aponta Authier-Revuz (1998, p. 107), quando diz que a divulgação científica “não visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender a comunidade de origem”, pensamos na possibilidade de essa circulação em específico (a das resenhas) ter como um dos seus objetivos a formação dos estudantes e dos professores que viriam a utilizar as obras divulgadas por Mattoso e que se tornariam estudiosos da linguagem.

Caracterizamos esse tipo particular de divulgação científica, as resenhas de Mattoso, como *discursos-sobre*, retomando um conceito de Orlandi (1990) trabalhado por Mariani, que diz que esses *discursos-sobre*

atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os *discursos sobre* são discursos intermediários, pois ao *falarem sobre* um *discurso de* ('discurso-origem'), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. (MARIANI, 1998, p. 60)

A autora acrescenta que

um efeito imediato do *falar sobre* é tornar objeto aquilo sobre o que se fala. Por esse viés, o sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se 'envolveu' com a questão" (*id., ibid.*).

O que nos interessa mais de perto é o que Baldini (2002) trabalha retomando esse conceito e relacionando-o com outros discursos-sobre: "*discursos-sobre* discursos sobre" a língua. Seria, por exemplo, o conjunto de textos que podem ser formulados sobre gramáticas, dicionários *etc.* Ele diz que esses discursos regulam

os sentidos em segundo nível, na medida em que seu funcionamento não incide diretamente sobre os sentidos da língua nacional e seu sujeito, mas sobre as gramáticas, e estas sobre tais sentidos. Assim, a institucionalização de sentidos que tais trabalhos fazem funcionar se dão num nível que sobredetermina a gramática. (BALDINI, 2002)

Formuladas como "*discursos-sobre* discursos-sobre", contribuindo para a construção de um imaginário sobre a língua, podemos compreender que as resenhas de Mattoso se constituem como *comentários*, conforme Foucault descreve:

O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. [...] O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta. (FOUCAULT, 1970, p. 26).

Há, nos comentários, a repetição do mesmo e, ao mesmo tempo, a possibilidade de instauração de uma diferença. Há também a possibilidade de fazer circular determinados sentidos e silenciar outros. Desse modo, ao tratar de obras sobre a língua, o que Mattoso repete nas resenhas em relação à constituição dos saberes? Que sentidos faz circular? Quais diferenças se instauram em seus dizeres?

Ao produzir as notícias críticas, ao mesmo tempo que divulga obras, Mattoso critica, opina sobre os tipos de estudos, emite valor sobre as obras e sobre os autores das mesmas, concorda, discorda, faz circular pensamentos (dos autores dos livros resenhados e os seus próprios). E, na medida em que tece seus comentários, faz essa relação entre *discursos-sobre* funcionar e sobredetermina as obras que divulga, seja de estudos gramaticais, filológicos ou lingüísticos, fazendo funcionarem diferentes sentidos sobre elas e instituindo os lugares do gramático, do filólogo e do lingüista. Portanto, não há só divulgação, mas também constituição de saberes.

No que tange à língua nacional, destacamos quatro resenhas referentes ao ensino da língua portuguesa no curso secundário, a fim de trazer para o texto como se dá esse funcionamento.

Da relação com o ensino da Língua Portuguesa

Mattoso expõe a questão do ensino ressaltando a importância de determinados aspectos na formação dos professores e dos alunos. Enfocamos nesse item suas referências explícitas ao ensino de língua portuguesa e tratamos especificamente das posições-sujeito que estão em funcionamento nessas resenhas.

Retomemos as quatro resenhas de Mattoso referentes, segundo Uchoa (2000), especificamente ao ensino da língua portuguesa no Curso Secundário. São as resenhas dos seguintes livros: *Didática Especial de Português*; *Exercícios de Português*; *100 textos errados e corrigidos*; e *Pequena Gramática para explicação da nova nomenclatura gramatical*.

Mattoso Câmara diz, na resenha sobre a *Pequena Gramática*, que sua tarefa, ao ocupar o lugar de crítico de livros, é “apenas” chamar “a atenção para a qualidade de uma obra, competindo ao público leitor o veredito e até decidir da competência e da sinceridade do crítico” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, OUT/1959). Percebemos, entretanto, que assumir a posição-autor de resenhas é assumir uma posição-comentarista, é fazer *discurso-sobre* e, dessa maneira, inscrever-se em um modo de funcionamento específico da função-autor no qual se sobredetermina a obra resenhada e os saberes que a constituem.

Dessa posição-comentarista de obras referentes ao ensino de língua portuguesa no curso secundário, retomam-se, necessariamente, outras posições para se falar de lá. No caso dessas resenhas, observamos que Mattoso fala sobre a posição do gramático e a posição do professor de língua portuguesa a ser ensinada, enunciando da formação discursiva do gramático e do lingüista, para significar e significar-se.

As condições de produção em que Mattoso se inscreve mantêm, como já visto, relação com o ensino tradicional da língua constituído pela Gramática e pela Filologia. E vale lembrar que ele mesmo é professor titular de Língua Portuguesa e de Lingüística, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Petrópolis, no período de produção das resenhas. É possível dizer então que na posição-autor de resenhas, posição-comentarista, Mattoso traz as posições discursivas de professor e de lingüista, que o constituem e que se encontram materializadas na língua,

em seus dizeres, na medida em que ele avalia as obras (as gramáticas), a atividade pedagógica do autor (gramático) e a postura pedagógica do professor de língua portuguesa do curso secundário.

Nessas resenhas, Mattoso retoma expressões da tradição gramatical, como “sistema coerente”, “aspectos técnicos de ensino gramatical”, “boa doutrina”, e não há um posicionamento contrário em relação a elas, logo, ao gramático:

“(…) Sob êste aspecto, o seu livro é utilíssimo aos professores de português, que em regra se deixam absorver pela matéria a ensinar e não praticam uma pedagogia estruturada num sistema coerente.” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, MAR/1958)

SD2 (Q2) - “Isto não quer dizer que o Autor também não considere os aspectos técnicos de ensino gramatical e filológico dentro de boa doutrina.” (*id.*, *ibid.*)

Falar em “boa doutrina” implica dizer que há diferentes doutrinas gramaticais de ensino, e mais, que pode haver doutrinas ruins, tal como uma pedagogia NÃO “estruturada num sistema coerente”, por exemplo. É possível observar que se presentifica a idéia de que ENSINAR e APRENDER bem a língua é um processo que se dá pela gramática (mas não qualquer gramática):

“... o seu livro é utilíssimo aos professores de português...” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, MAR/1958)

“Não é de hesitar, pois, recomendar-se aos nossos professôres de língua vernácula, e ainda mais aos estudantes que queiram progredir por si, visto que a 'Chave' final dos 'Exercícios' propicia o tipo de 'aluno sem mestre'.” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, AGO/1959)

Estabelece-se como já-dito que a gramática determina o que é certo e o que é errado em relação à língua, o que é escrever bem, o que é ser um bom falante / usuário

da língua. Esse já-dito sustenta os dizeres de Mattoso Câmara em um processo de discursivização sobre a posição do gramático e da relação deste com a língua, essa “língua vernácula”, expressão que em si já traz como memória a questão da “língua correta” (em oposição a uma língua que se diria “incorreta”).

Sobre a posição dos gramáticos, depreendemos que é constituída por uma relação entre um saber já determinado do que é a língua – de que modo se estrutura como um “sistema coerente” e para dar “a visão exata para [o falante] ser eficiente dentro da verdade lingüística” – e um saber fazer-saber.

“... as nossas escolas superiores das Fôrças Armadas se preocupam com razão em adestrar os futuros oficiais no manuseio da palavra. (...) Ao contrário do que às vêzes se diz, o conhecimento profundo da língua não prejudica o professor elementar de português, mas antes lhe dá a visão exata para ser eficiente dentro da verdade lingüística.” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, AGO/1959)

Sobre o que chamamos aqui de postura pedagógica do professor de língua portuguesa no ensino secundário, observa-se que Mattoso fala de uma relação com os que se “preocupam” com o “manuseio da palavra”, com “o conhecimento profundo da língua” que dá “a visão exata para ser eficiente dentro da verdade lingüística”, que “praticam uma pedagogia estruturada num sistema coerente”, que se valem do “esteio de aplicações repetidas”. Uma postura pedagógica que compreende um “sistema coerente” e “verdade lingüística” que parecem de certo modo contemplados na Pequena Gramática e, como esta é elaborada de acordo com a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira, 1958), na própria NGB, “afora um ou outro detalhe” em que ela falha, segundo Mattoso:

“A Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira... foi uma iniciativa das mais oportunas do Ministério da Educação e também, de maneira geral, das mais felizes afora um ou outro detalhe.

O livrinho que aqui se aprecia é, na realidade, uma sucinta gramática fundamentada nessa classificação.” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, OUT/1959)

“(…) apontar a Pequena Gramática como um precioso manual, que vale pela segurança doutrinária, pela clareza da exposição e pelo equilíbrio das idéias. (...) O Autor sabe até, discretamente, indicar falhas e preencher lacunas, como a propósito... da ausência, na NGB, de uma classificação das vogais em função da elevação da língua...” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, OUT/1959)

Tomando a (re)constituição dessas duas posições (a do gramático e a do professor de língua portuguesa), formulamos como hipótese que há um encontro entre elas que toca na reterritorialização da posição do gramático, visto o funcionamento da NGB.

Parece que se reterritorializa a posição do gramático, “despossuído” da posição de autoria do saber sobre a língua, para uma posição de autoria do ensino-aprendizagem gramatical; e instaura-se o lugar da gramática: o ensino.

É possível dizer que, na posição-comentarista, Mattoso dá visibilidade à (nova) posição do gramático – e da relação dessa posição com o saber lingüístico – e abre a compreensão para o que seria a constituição da posição de autoria do lingüista. Ao repetir o saber do gramático, circunscrevendo-o a um saber fechado, Mattoso instaura como diferença a posição do linguista, agora a posição de quem enuncia quais são “os saberes que se articulam sobre a língua” (AUROUX, 1989, p. 15) que (não) podem e (não) devem aparecer em uma gramática no ensino de língua portuguesa:

“Não cabe, por exemplo, falar em erros ‘estáticos’ e erros ‘evolutivos’: todo êrro tem caráter dinâmico como fôrça para quebrar, para bem ou para mal, o estaticismo da codificação vigente e, por outro lado, se houve evolução, é que essa codificação se alterou e portanto o que era êrro deixou de o ser.” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, AGO/1959)

Assim, não se pode e não se deve falar em “erros” nessa / dessa discursividade de um fazer-saber (do gramático) e de um saber fazer-saber (do professor de língua portuguesa). Pode-se e deve-se apresentar a língua tal como se estrutura enquanto sistema.

Posição-gramático, posição-professor, posição-lingüista... posições administradas na função-autor em que se inscreve Mattoso a partir da posição-comentarista. A função-autor, como função enunciativa do sujeito, está presente na “administração” dessas posições e das formações imaginárias que as constituem e no que pode e deve ser dito dessas posições dentro de determinada Formação Discursiva. O efeito-sujeito que, segundo Orlandi (1988), “coloca o sujeito como origem de seu dizer e representa o sentido como transparente” funciona na medida em que Mattoso fala dessa posição-comentarista como autor do saber lingüístico.

Para fazer sentido dessa posição-autor, Mattoso retoma efeitos de sentido histórica e ideologicamente determinados, ou seja, inscreve-se em um interdiscurso que possibilita seus dizeres. Nesse movimento, ele recupera dizeres já estabelecidos e os reformula. Produz dizer sobre o ensino tradicional e, concomitantemente, sobre o ensino não-tradicional. Produz deslocamentos. Ao reformular, abre espaço para novos efeitos de sentido e uma nova posição, a de lingüista. O que não cabe à Gramática e / ou à Filologia cabe ao lingüista, como fato de linguagem. Parece que a posição-lingüista configura-se por ser uma posição de autoria do saber e, além disso, que articula diferentes saberes.

Considerações Finais: Da autoria de Mattoso Câmara

Mattoso se colocava na posição de comentarista e divulgador desses diferentes tipos de estudos da língua, desses instrumentos lingüísticos. Ele denominava suas resenhas como “notas ou notícias críticas”, como podemos perceber nas seqüências discursivas abaixo:

“É claro que há vários desacordos entre o autor desta **Notícia** e os do livro; (...) Relevem os prezados Autores a franqueza dessa crítica final...” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, AGO/1959).

“Quem assina esta **Nota Crítica** pode parecer suspeito para louvar a obra quase irrestritamente (...)” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, OUT/1959).

Apontamos para uma contradição nessas denominações. “Nota” designa anotações de pensamentos dispersos, inconclusos, sem fundamentações aprofundadas; “notícia” direciona para algo que precisa ser conhecido, algum conhecimento a ser posto em circulação com a dita neutralidade do discurso jornalístico. Entretanto, “crítica” faz funcionar uma contradição, visto que há um investimento de opiniões e considerações de Mattoso acerca das obras, dos autores das obras e/ou dos conhecimentos contidos nelas.

O funcionamento discursivo dessa contradição se dava pelas próprias condições de produção que a caracterizavam. Mattoso estava em uma posição de autoria em que necessariamente produzia “dizeres-sobre”, ou seja, a posição comentarista/divulgador, a posição autor de resenhas; e produzia, nesse caso, “dizeres-sobre” outros “dizeres-sobre a língua”, sobredeterminando e ressignificando os estudos lingüísticos comentados. Ao produzir “discursos-sobre” outros “discursos-sobre a língua”, Mattoso colocava em circulação determinados conhecimentos e silenciava outros, fazia os “discursos-sobre a língua” significarem diferentemente.

Os estudos lingüísticos, no fim dos anos 50 (como podemos perceber com a divulgação de Mattoso, por exemplo, na SD 18), ainda mantinham predominantemente relação com a tradição filológica e gramatical, apesar de já sofrerem um deslocamento com a instauração da *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (em 1958) e com a entrada da Lingüística, em suas bases estruturalistas, no meio acadêmico brasileiro, através mesmo da figura de Mattoso Câmara.

“Isto não quer dizer que o Autor também não considere os aspectos técnicos de ensino gramatical e filológico dentro de boa doutrina, o que não nos surpreende dados os laços mentais que o ligam à figura de Clóvis Monteiro.” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, MAR/1958)

Em suas formulações, Mattoso retomava o interdiscurso instituído por essa tradição, muitas vezes não apresentando posicionamento contrário em relação a ela; mas também produzia “dizeres-sobre” outros “dizeres-sobre” dando visibilidade à ciência Lingüística e destacando sua importância como disciplina independente de outras (porém, constituída em relação a essas), conforme a SD 4.

“Deve-se destacar especialmente o maior acento dado à lingüística, como base 'sine qua non' da filologia (...) prefere que se chame 'Lingüística Portuguesa e não Filologia Portuguesa o estudo científico da nossa língua' (pág. 30)...” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, AGO/1957)

“... e em seguida estabelece: 'Filologia é o estudo de textos literários, ao passo que Lingüística é estudo da língua como tal, independente de textos'” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, AGO/1957)

A Lingüística aparece em coordenação com a Filologia, no intradiscurso que se estabelece nos dizeres-sobre de Mattoso. Porém, não se confunde um saber com o outro. Eles estão em relação.

“... Sílvio Elia traz-nos uma contribuição para isso num trabalho em que colaboram o seu preparo lingüístico e filológico...” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, MAR/1958)

O gramático aparece em relação à posição do professor de língua portuguesa, como responsável pelo saber que este deve conhecer para ensinar a língua, ou em relação ao próprio estudante, como responsável pelo saber que este deve conhecer para aprender a língua. Apresenta-se o ensino-aprendizagem da língua como um processo que se dá pela Gramática, como observamos na SD 4 :

“(...) Não é de hesitar, pois, recomendar-se êste livrinho aos nossos professôres da língua vernácula, e ainda mais aos estudantes que queiram progredir por si, visto que a 'Chave' final dos 'Exercícios' propicia o tipo de 'aluno sem mestre.'” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, AGO/1959)

É possível dizer, então, que Mattoso Câmara não só dava visibilidade à Lingüística, mas também ressignificava a Filologia e a Gramática. Por conseguinte, reterritorializava os lugares dos filólogos e dos gramáticos, e o que podia e o que não podia ser dito destes lugares.

Da posição do filólogo, espera-se que resulte uma edição crítica em que o autor estudado apareça (e não exatamente o organizador da edição), conforme a SD10:

“Uma tarefa dessas (...) não se coaduna com a função da preparação de um texto, onde nos devemos colocar na sombra para deixar falar o nosso autor.” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, DEZ/1957).

Da posição do gramático, não se pode e não se deve falar em erros, conforme a SD6:

“Não cabe, por exemplo, falar em erros 'estáticos' e erros 'evolutivos': todo êrro tem caráter dinâmico como fôrça para quebrar, para bem ou para mal, o estaticismo da codificação vigente (...)” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, AGO/1959)

Pode-se e deve-se apresentar, dessa discursividade de um fazer-saber, a língua tal como se estrutura enquanto sistema.

Essas formulações de Mattoso se davam em um momento em que se discutia os papéis dos filólogos, dos gramáticos e dos lingüistas, suas fronteiras e relações, e a necessidade de institucionalização desses diferentes saberes junto às faculdades de Letras recém-fundadas, pois a cientificidade, mote da época, fazia-se junto às instituições.

Desse modo, percebemos que Mattoso, em sua prática discursiva e em sua posição-autor, ia ao encontro da política de línguas instaurada pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (1958). E ele dizia a respeito:

“A Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira (...) foi uma iniciativa das mais oportunas do Ministério da Educação e também, de maneira geral, das mais felizes afora um ou outro detalhe.” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, OUT/1959).

Tal política estabelecia que o gramático ficaria regido por uma nomenclatura uniforme instituída pelo Estado e que as gramáticas seriam elaboradas de acordo com essa nomenclatura, com esse saber oficial. Com a NGB, o gramático, que antes era autor do saber lingüístico, deixava de o ser e, em seu lugar, surgia o lingüista como autor do saber lingüístico-científico. O gramático ficava, assim, responsável pelo ensino da língua. Ao filólogo, competiria o saber prático. Passavam a conviver nesse espaço-tempo o saber prático (Filologia), a normatividade (Gramática) e o saber científico (Lingüística). Embora essas fronteiras tenham se constituído, um saber existia em relação ao outro.

Vale ainda dizer que Mattoso fazia parte dessa tradição de estudos. Ele era estudioso de Filologia, fazia gramática, era professor de língua portuguesa... Contudo, sua formação era amplamente afetada pela Lingüística (em diferentes abordagens). Seu

fazer-saber sobre a língua, sendo filólogo, gramático, professor, portanto, era afetado pelo saber científico, pelos seus conhecimentos de Lingüística, e o saber científico era constituído nessa relação com o fazer-saber. Uma heterogeneidade de posições, configurando o imbricamento ou a relação de posições e de saberes que constitui o autor e o lingüista Mattoso.

As obras resenhadas constituem-se como discursos-sobre. As notícias críticas de Mattoso, então, configuram-se como discursos-sobre outros discursos-sobre. Discursos-sobre a língua, discursos-sobre os discursos-sobre a língua, ambos afetando a constituição da língua nacional, ambos objetivando a manutenção de uma língua com sua unidade, ambos com a tentativa de produzir a uniformização da língua e do saber sobre a língua, ambos funcionando como políticas de línguas e constituindo, diferentemente, saberes.

Embora tenha essa característica em comum, os discursos-sobre outros discursos-sobre, neste caso, as notícias críticas de Mattoso Câmara, funcionam como comentários à moda de Foucault (1970), fazendo circular determinados sentidos, silenciando outros, provocando deslizamentos, e visam à divulgação dos conhecimentos científicos suscitados nesses comentários. Nesse movimento, há a repetição do mesmo (paráfrase) advinda da tradição lingüística e, ao mesmo tempo, a instauração de diferenças (polissemia) advindas da Lingüística, que se constitui como ciência da linguagem. Isso porque, nos comentários, o que se diz sobre, se diz de outro modo.

Observamos esse funcionamento no fazer intradiscursivo de Mattoso Câmara na medida em que se configuram as relações de identificação e de não-identificação deste, na posição-comentarista, com os autores das obras e/ou com os saberes nelas contidos. Da posição-autor de notícias críticas, Mattoso diz, como já vimos, “o que (não) pode e (não) deve ser dito”, administrando e (sobre)determinando os saberes, estabelecendo, na

ordem do discurso sobre os saberes lingüísticos, que sustenta suas notícias, uma rede de inclusões e exclusões.

“(...) assim, o seu alvitre de se considerar uma classe de 'determinativos' ao lado dos substantivos e dos adjetivos (qualificativos) (...) parece-me um mero pano quente, que não vai ao âmago da questão e renova a atitude superada de João Ribeiro (“Gramática Superior”, 20^a ed., Rio, 1923, pág. 19 ss.). A solução definitiva foi dada por Said Ali; só há duas classes primárias (semânticas) – 'nomes' e 'pronomes', e para uma outra divisão secundária (funcional) em 'substantivos' e 'adjetivos'.” (CÂMARA JR., *A Cigarra*, AGO/1957).

O ensino da língua portuguesa, do que é enunciado por Mattoso da posição-comentarista, apresentava problema. Essa rede de inclusões e exclusões, sobredeterminando os discursos-sobre, tentava regulamentar os estudos e o ensino, o que devia e o que não devia se dizer sobre a língua nacional da posição do gramático, do filólogo, do lingüista, do professor...

É possível afirmar, então, que a divulgação das obras, ressaltadas as restrições ou ressignificações de Mattoso como comentarista das mesmas, para os sujeitos que se encontravam em posição de relação com o Ensino Secundário, ou mesmo com o Ensino de Letras, ia ao encontro do que se pensava como um padrão para o ensino da língua nacional. Mais especificamente, é possível dizer que a unidade da língua dependia desse padrão de ensino.

A contradição característica das “notas e notícias críticas” de Mattoso é que constitui a sua autoria frente ao saber lingüístico. Autoria esta de Mattoso que, na posição divulgador/comentarista de instrumentos lingüísticos, está permeada de diferentes posições relacionadas à construção/circulação do saber sobre a língua nacional, principalmente no ensino secundário e/ou nos cursos de Letras. São essas posições a do filólogo, a do gramático, a do professor e a do estudante da língua materna, da língua nacional, do português, e a do lingüista entre uma e outras. Posições

constituídas e posição constituindo-se *em relação a*. Saberes constituídos afetados pelos equívocos provocados pelo novo da Lingüística a partir da posição-autor de Mattoso.

Portanto, é possível dizer que o processo de autoria de Mattoso Câmara é habitado pelas posições do gramático, do filólogo, do professor, do estudante, pelas posições dos diferentes estudiosos da linguagem. Ao colocar-se na posição-autor enunciando dizeres-sobre essas posições e dizeres-sobre as relações dessas posições com o saber lingüístico, Mattoso produz deslizamentos de sentidos propiciados pelos seus conhecimentos de Lingüística que apontam para uma nova posição, a do lingüista.

O considerado primeiro lingüista brasileiro, para o ser, inscreveu-se na ordem de discurso sobre saberes lingüísticos já instituídos pela tradição lingüística, foi filólogo e foi gramático. Foi filólogo e foi gramático, produzindo deslocamentos nessa ordem, produzindo deslizamentos de sentidos, e o fez constituindo sua posição-autor do saber lingüístico, a posição do lingüista. É essa a memória discursiva da posição de Mattoso frente ao saber e é essa a memória discursiva da posição-lingüista.

Referências Bibliográficas

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1992.

_____. *Historie des idées linguistiques*. Tome I. Liège: Pierre Mardaga ed., 1989.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998.

BALDINI, Lauro. Considerações sobre a vida e a obra de Mattoso Câmara Jr. In: *Estudos da Língua(gem)*. n. 2. Vitória da Conquista, 2005.

_____. *A Nomenclatura Gramatical Brasileira interpretada, definida, comentada e exemplificada*. [Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos de Linguagem, UNICAMP, 1999]

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ (org.). *História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. In: ORLANDI, Eni *et al. Série cadernos puc-31*. São Paulo: Educ, 1988.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997 [1975]. [trad. de Eni Orlandi *et al.*]

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. A colaboração de Mattoso Câmara em “A Cigarra” (1957-1960). In: *Confluência*, v 20. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, 2000.